

A watercolor illustration of a hand holding a plant. The hand is rendered in various colors like purple, green, and red. The plant has a large red flower and several green leaves. Above the hand, there are several birds in flight, also in watercolor style. The background is a mix of warm colors like yellow, orange, and red, with some darker spots and splatters.

organizadoras

Larisa da Veiga Vieira Bandeira

Luciane Bresciani Lopes

Adriana da Silva Thoma

cartas e escritas
de amizade
e docência

 peripécia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A243

Adriana da Silva Thoma: cartas e escritas de amizade e docência / Organizadoras Larisa da Veiga Vieira Bandeira, Luciane Bresciani Lopes. – São Paulo: Peripécia, 2022.

Livro em PDF

ISBN 978-65-88192-17-7

1. Memória - Educação. 2. Língua brasileira de sinais. 3. Amor.
4. Amizade. I. Bandeira, Larisa da Veiga Vieira (Organizadora).
II. Lopes, Luciane Bresciani (Organizadora). III. Título.

CDD:
370.1522

Índice para catálogo sistemático:

I. Memória - Educação

Janaina Ramos – Bibliotecária – CRB-8/9166

ISBN da versão impressa (brochura): 978-65-88192-16-0

Capítulo 1

Adriana

Luciana Gruppelli Loponte



Rio Segre, Lleida, Catalunya, Espanha - 19 de novembro de 2018.

Fonte: Acervo da autora.

LLEIDA, NOVEMBRO DE 2018

Eu estava em Lleida, uma cidade pequena da Catalunha, cerca de 160 km de Barcelona, em um período como professora visitante na universidade. Como estrangeira, distante de amigos e familiares, senti meu coração apertar mais ainda quando soube da notícia que a minha amiga Adriana tinha nos deixado. As mensagens chegavam e eu não acreditava. Tristeza, incompreensão, sensação de injustiça, impotência. Como é que eu não poderia me despedir? Será que ela sabia o quanto eu a amava e admirava?

Naquele dia, lembro da foto que tirei do Rio Segre, rio límpido e cristalino que corta a cidade de Lleida. A luz do entardecer daquele dia de outono – “tardor” em catalão – me iluminava. É uma homenagem a ti, Adriana. No outro dia, fui a Catedral de Lleida e quis acender uma vela – independentemente de qualquer crença, precisava de algo de sagrado naquele momento. Dos vários altares e santos, escolhi o altar de Nossa Senhora de Montserrat, a virgem negra, padroeira da Catalunha. Uma Nossa Senhora negra? Acho que a Adriana iria gostar.

SANTA CRUZ DO SUL, SEGUNDO SEMESTRE DE 1999

Depois de um processo seletivo, ingressei como professora da Universidade de Santa Cruz do Sul. Um mundo novo me aguardava. Como professora universitária, muitas possibilidades se abriam em uma universidade que estava começando a dar seus primeiros passos. Muito a descobrir, muito espaço para aprender. Comigo, muitos colegas ingressaram na universidade, todos de outras cidades. Logo já ouvi falar sobre a Adriana, do seu casamento, das pesquisas que ela realizava.

Foi a primeira vez que ouvi falar sobre pesquisas sobre educação de surdos e soube de modo mais próximo sobre a Língua Brasileira de Sinais. Admirava a sua fluência em Libras. E sei que a Adriana aprendeu sobre artes comigo. Quanta coisa aprendemos juntas.

PORTO ALEGRE, SETEMBRO DE 2018

O Brasil fervia politicamente, às vésperas de uma eleição conturbada. Um movimento iniciado na internet toma as ruas: Mulheres contra Bolsonaro. O slogan: #elenão. Todas as mulheres foram convocadas para irem às ruas e, em Porto Alegre, o encontro era no Parque da Redenção. Por acaso, em meio aquela multidão de mulheres, encontro a Adriana e ali ficamos, conversando, protestando, brincando, rindo, contando as novidades. Soube da Marina e do Ramiro, tiramos fotos. As últimas, mal sabia.

SANTA CRUZ DO SUL, ENTRE 2000 E 2007

Moramos juntas em Santa Cruz do Sul duas vezes. Dividimos quartos, despesas e histórias. Nos encontrávamos no ônibus entre Porto Alegre e Santa Cruz do Sul nas madrugadas, pela manhã ou tarde da noite. Soube logo da gravidez em que a Adriana esperava a Marina e mais tarde, o Ramiro. Contávamos histórias, projetos, expectativas sobre a vida. Participamos de muitos projetos juntas, nem sei dizer quantos. Estávamos cursando o doutorado na UFRGS mais ou menos na mesma época e fizemos concurso para a universidade quase ao mesmo tempo. Fomos nomeadas com pouco tempo de diferença. Continuávamos colegas, enfim.

PORTO ALEGRE, NOVEMBRO DE 2015

Aniversário de 15 anos da Marina. Estava feliz em estar ali, rever amigos e, de algum modo, refazer uma história que tivemos juntas. Acompanhei a gestação daquela menina, que agora despontava como uma mulher linda e vibrante. Adriana estava radiante. Que orgulho.

Na UFRGS, estávamos em departamentos diferentes e às vezes nos encontrávamos pelo elevador ou pelos corredores. *E aí, tudo bem? Como estás? Vamos tomar um café um dia desses? Vamos!* A vida na universidade nos consome demais e nunca temos tempo. Sempre na corrida, tentando dar conta das demandas intermináveis, entre família e trabalho. Sempre lembro daqueles cafés que não tomamos.

VALENCIA, NOVEMBRO DE 2018

Em uma livraria de Valencia, na Espanha, encontrei um livro da Adriana: *Políticas de in/exclusión*. Que orgulho senti de ti, minha amiga. Soube que não estavas muito bem e mandei uma mensagem contando. *Oi, amada!*, me dizes. Me contas que a doença tinha encontrado a pessoa errada e me pedes para que eu aproveitasse a estadia na Espanha. Eu acreditei e quis acreditar com ela que ia ficar tudo bem. *Beijo grande sua linda*, ela se despediu.

PORTO ALEGRE, AGOSTO DE 2022

Adriana, acreditas que uma pandemia praticamente parou o mundo todo em 2020 e trabalhamos em casa por mais de dois anos? Tivemos que dar aulas remotas, precisamos aprender a mexer em ferramentas digitais, lidar com videoconferências,

palestras on-line, eventos ao vivo (que agora chamamos *lives*). Até a nossa querida ANPEd, que fomos juntas tantas vezes, foi realizada de forma online, quem imaginaria?

Somente em 2022, voltamos ao prédio da Faculdade de Educação. Voltar ao prédio da FAGED e saber que não vamos nos encontrar pelos corredores dá um aperto no peito. A Clarice também não está mais por aqui. Estamos reencontrando todos aos poucos, ainda de máscara, economizando em cumprimentos e abraços. Vontade de marcar cafés e conversas com quem eu quero bem, por que nunca sabemos se vamos ter tempo.

Te conto ainda que, em 2019, adotei um menino com 5 anos e ele se chama Guilherme. Tu serias uma das primeiras pessoas para quem eu iria contar por aqui. Sei que onde estiveres, vibrarás com a minha maternidade tardia. Apesar de tudo e de toda a nossa correria, sempre soubemos que a vida (e nem a morte) não cabe no Lattes. Um beijo, amada.